

Tecnologia e cuidado: uma breve reflexão acerca das tecnologias afectivas

Ângelo Milhano

Para a Irene,
Com uma gratidão e admiração incomensuráveis.

A Inteligência Artificial (I.A.) transformou-se numa popular tendência das investigações nos mais variados domínios do conhecimento académico, tendo ganho um lugar de destaque naquela que é feita em Filosofia da Tecnologia. Uma tendência de investigação que se tornou tanto mais popular, desde que I.A. passou a estar embutida num número considerável de artefactos tecnológicos com os quais o ser humano se relaciona no seu dia-a-dia. Seja através do uso de *smartphones*, de dispositivos robóticos de assistência ao trabalho, de sistemas de apoio à condução de veículos, ou quaisquer outros artefactos que poderiam ser aqui referidos, as várias materializações da I.A. tornaram-se uma presença comum da vida quotidiana daqueles que habitam as sociedades industrializadas.

São também muitos os imaginários que, na cultura popular, têm vindo a ser construídos em torno das suas possíveis aplicações e que, para além de alimentar uma especulação polarizadora da opinião pública acerca da I.A., também influenciam, direta ou indiretamente, as suas futuras configurações (Coeckelbergh, 2020).⁽¹⁾ De entre estes, os imaginários que perspetivam possíveis aplicações terapêuticas da I.A., contribuíram, em muito, para a criação de um contexto sociocultural recetivo ao desenvolvimento e à implementação de

(1) No que diz respeito à influência que os imaginários tecnológicos exercem sobre a percepção social, e sobre desenvolvimento da I.A., veja-se o artigo de Alberto Romele *Emaginary; or why the essence of (digital) technology is by no means entirely technological*, que também consta neste volume.

«tecnologias afetivas» nas várias instituições sociais do cuidado. A introdução de sessões terapêuticas com *Social Robots* para reduzir os efeitos da demência na terceira idade (Shibata *et. al.*, 2021),⁽²⁾ ou o recurso a algoritmos de *Deep Learning* para melhorar a taxa de sucesso das sessões de psicoterapia (Ewbank, *et. al.*, 2019),⁽³⁾ são já uma realidade. Ambos são exemplos de tecnologias que demonstram como, no contexto do *design* e programação da I.A. nelas embutida, é tido em consideração o papel que o «cuidado» e a «afetividade» desempenham nas relações que cada ser humano estabelece com o mundo e com os outros (Fischer, 2019). Afinal de contas, é o ser humano quem, estando exposto na sua fragilidade enquanto doente/paciente, se constitui como o utilizador final deste tipo de artefactos tecnológicos.

Porém, pensar o modo como as «tecnologias afetivas» e do «cuidado» têm vindo a ser implementadas institucionalmente, e de como, através da sua utilização, se transforma o próprio conceito de terapia, implica ainda pensar em que medida o ser humano — enquanto *Dasein* — terá para com elas de «preparar uma livre relação» (Heidegger, 2011: 217). É, por isso (e antes de mais) necessário, compreender em que medida estas tecnologias se relacionam com, e interpretam o «ser-no-mundo» dos seus utilizadores. Considerado por muitos como o pai da Filosofia da Tecnologia (*e.g.* Ihde, 2010: 1-27; Feenberg, 2005), Heidegger desenvolveu uma leitura da tecnologia (técnica) moderna que ficou conhecida pela sua sagacidade e perspicácia ontológica. Com o termo «com-posição» (*Ge-stell*),⁽⁴⁾ procurou delinear uma interpretação da essência da tecnologia moderna onde se destaca a sua índole instigadora do mundo e da natureza. Na leitura que apresenta no seu texto *A Pergunta pela Técnica* (1954), o Autor considera que é por força do «poder» inerente à «com-posição», que as essências que se encontram no mundo são «com-postas» como recursos, *i.e.*, como um conjunto de energias ou matérias-primas, dispostas sob um «fun-

(2) Veja-se, a título de exemplo: www.parorobots.com

(3) Veja-se, a título de exemplo: <https://www.lyssn.io/products/lyssn-advisor/>

(4) A tradução do termo *Ge-stell* por «com-posição» é aqui feita à luz daquela que Irene Borges-Duarte propôs aquando da sua tradução do texto *A Origem da Obra de Arte*. Ao traduzir o termo *Ge-stell* por «com-posição» no aditamento do famoso texto heideggeriano de 1938 (Heidegger, 2002: 88-94), a autora aqui homenageada procura incutir na sua proposta a peculiar interpretação que Heidegger faz deste termo. *Ge-stell*, na sua aceção mais habitual (*gestell*) significa uma armação, uma estrutura, ou uma prateleira, que podem ser usadas para sustentar alguma coisa. No entanto, e seguindo o estilo que marcou a sua fenomenologia hermenêutica, ao circunscrever a sua interpretação da essência da técnica com o termo *Ge-stell*, Heidegger apresenta uma leitura etimológica que aprofunda as raízes do termo, afastando-o do seu nível de significação mais superficial. Com o uso de *Ge-stell* para se referir à essência da técnica moderna, Heidegger procura conotar as várias formas pelas quais se demonstra o carácter «com-positivo» que considera inerente à moderna configuração da técnica. Acerca da tradução do termo *Ge-stell* por «com-posição», assim como acerca das suas várias nuances significativas, veja-se: Borges-Duarte, 2014: 163-208.

do-consistente» (*Bestand*), onde ficam circunscritas à sua dimensão utilitária. Para Heidegger, a «livre relação» que o humano deve estabelecer com a essência da tecnologia moderna é, por isso, uma relação de prudência. Ele deve estar consciente deste «poder» que é inerente à «com-posição», deve compreendê-lo na sua essência para, assim, estar atento ao «perigo» que se levanta com o processo de «desencobrimento» tecnológico do mundo, assim como para com o «projeto» que a partir dele se constrói. Ao estar consciente desse «perigo», deverá o ser humano atentar também sobre o modo como a «com-posição» o transforma, a ele próprio, enquanto *Dasein*, também como um recurso, como matéria-prima disposta sob um «fundo-consistente», destituído do seu papel enquanto «ente privilegiado» (*Dasein*) a quem cabe o «cuidado» (*Sorge*) do ser. Pois que, e segundo Heidegger (2011: 232),

[o] homem mantêm-se tão decididamente na sua subserviência para com a provocação dimanante da com-posição que ele próprio deixa de a tomar como um apelo, que deixa de conseguir tomar-se como aquele que é chamado a descobrir, e, conseqüentemente, a não compreender os modos que lhe indicam como ele ek-siste a partir da sua essência no âmbito do apelo, de modo a nunca poder encontrar-se apenas a si mesmo.

Ao delimitar ontologicamente a essência da técnica moderna a partir do termo «com-posição», a proposta heideggeriana delimita também um modelo de compreensão da determinação funcional da tecnologia no seu plano ôntico. Um modelo que, não obstante tenha sido pensado num período da história que ficou marcado pelo uso de artefactos tecnológicos em vários aspetos diferentes daqueles com os quais hoje nos encontramos mais familiarizados, não deixa de demonstrar ainda a sua relevância. Se atentarmos, p. ex., sobre o modo como os algoritmos das plataformas digitais — desde os vários motores de busca, *social media*, etc. — reduzem o ser humano, seu utilizador, a uma representação digital de si — i.e., ao seu *perfil* —, é possível aí interpretar como o «poder com-positivo» da tecnologia moderna ainda se manifesta nos nossos dias. No uso destas tecnologias, o comportamento do ser humano é reduzido à sua representação informativa, a um conjunto de dados, um rasto de informação processável em função da sua potencialidade comercial, ou seja, em função do seu carácter enquanto utilidade. A individualidade do sujeito, os seus desejos, o seu espírito, etc., por força da determinação «com-positiva» que subjaz aos algoritmos de processamento de dados, acabam por ser transformados em objetos mensuráveis, e também transformáveis seguindo os pressupostos da sua utilidade, também ela já determinada de antemão. Partindo da interpretação heideggeriana, e pensando, a partir dela, as questões da era digital, é possível evidenciar como, no «fundo-consistente» que é criado por estas tecnologias, é o ser humano quem se vê «com-posto», e subseqüentemente disposto, como matéria-prima.

Há, contudo, que questionar se esta interpretação da tecnologia enquanto «com-posição», dá conta do modo como as «tecnologias afetivas» e do «cuidado» interpretam o «ser-no-mundo» dos seus utilizadores. Pois que, no seu funcionamento, não se evidencia — pelo menos à partida — essa índole instigadora da natureza e do humano, que Heidegger compreende inerente à essência da técnica moderna. Ao atentar sobre as suas aplicações em contexto terapêutico, estas tecnologias parecem mostrar-se empiricamente configuradas em função do cuidado que devem prestar aos seus utilizadores; elas são pensadas e desenvolvidas atendendo à singularidade do seu utilizador enquanto «ser-no-mundo» que, no entanto, se vê privado desse mesmo mundo onde tem, obrigatoriamente, de *ser*. A interpretação heideggeriana, muito embora forneça um modelo ôntico de interpretação da tecnologia, por se inscrever num plano ontológico, não inclui no seu horizonte as diferenças entre as várias configurações empíricas da tecnologia enquanto artefacto(s), não dando, por isso, também conta das distintas aberturas de mundo que estas podem, efetivamente, materializar. Por esta razão, e, não esquecendo ou descartando a sua perspicácia ontológica, a proposta de interpretação heideggeriana transformou-se no alvo de muitas críticas que lhe foram lançadas pelos autores que marcaram a Filosofia da Tecnologia criada durante o *Empirical Turn* das décadas de 1980 e 1990 (Bosschaert & Blok, 2022).

Don Ihde é um dos mais influentes filósofos desta corrente a construir a sua crítica nesse sentido. O autor norte-americano compreende na proposta heideggeriana uma circunscrição monolítica da tecnologia, que descarta do seu horizonte as características empíricas pelas quais se distinguem os diversos artefactos tecnológicos entre si (Ihde, 2010: 114-117). Um aspeto que se torna, para Ihde, problemático, uma vez que considera que a interpretação que o sujeito humano faz do seu «ser-no-mundo», se encontra quase totalmente dependente das tecnologias que utiliza enquanto tal. Na sua leitura, uma determinação ontológica da tecnologia que assente sobre um modelo do tipo *one size fits all*, não tem em conta a singularidade das várias interpretações que se constroem a partir dos diferentes tipos de mediação tecnológica (Ihde, 1990: 72-123). Por conseguinte, todos os potenciais benefícios que tais mediações possam trazer para a experiência que o ser humano faz do seu «ser-no-mundo», não são sequer tidos consideração como parte do horizonte interpretativo que se delimita com a leitura da essência da técnica moderna à luz do conceito de «com-posição». Na tradição pós-fenomenológica a que Ihde dá início, a Filosofia da Tecnologia perspectiva-se, por isso, como uma via para

(...) refletir sobre a tecnologia tal como esta se mostra concretamente presente na nossa existência quotidiana: sob a forma de artefactos tecnológicos. Em vez de questionar “para trás”, questiona “para a frente”; ou seja, em vez de reduzir os artefactos tecnológicos à forma tecnológica de desencobrimento do mundo que os

torna possíveis, pergunta antes que tipo de desencobrimento do mundo é tornado possível por cada artefacto tecnológico em particular. (Verbeek, 2001: 122-123)

Seguindo esta leitura, com a interpretação heideggeriana — pela qual a essência da técnica moderna se apresenta como um processo instigador de «desencobrimento» que reduz os entes ao seu potencial utilitário — não se abre qualquer espaço para construir uma reflexão capaz de dar conta de uma abertura tecnológica do «mundo» diferente da «com-positiva». Pensar atentamente sobre os usos e aplicações das várias «tecnologias afetivas» e do «cuidado» que temos hoje disponíveis, assim como do *telos* (τέλος) que determina os processos do seu *design* e desenvolvimento, dá conta desta mesma limitação que é inerente à proposta heideggeriana, e sobre a qual se fundamentam a maioria das críticas que lhe são lançadas. Aquilo que *está a ser* aquando da utilização deste tipo de artefactos tecnológicos, não pode ser compreendido à luz do «poder» instigador que Heidegger considera inerente à essência técnica moderna. Seguindo pela outra via, i.e., ao pensar estas tecnologias sob um enquadramento crítico-hermenêutico que atenta sobre o “tipo de desencobrimento do mundo” que “é tornado possível por cada artefacto tecnológico em particular” (*Idem*), é possível construir uma análise concreta das relações que a sua mediação delimita e, por conseguinte, também da abertura ontológica que cada uma delas potencia. Uma compreensão onde se destaca como o seu *design* e programação obedecem a um «projeto» que não é, efetivamente, aquele para o qual Heidegger lança o alerta com *A Pergunta pela Técnica*, pois que o desenvolvimento das «tecnologias afetivas» e do «cuidado», obedece a uma determinação funcional, concebida à luz das ideias que guiam — e que também fundamentam ontologicamente — a prática terapêutica (Laitinen, *et. al.*, 2019). Ao atentar, p. ex., sobre o tipo de relações que se prefiguram no uso de *Social Robots* em contexto geriátrico, ou com a aplicação de algoritmos de *Deep Learning* para a análise do discurso em sessões de psicoterapia (e também de diagnóstico clínico), é possível compreender como essa determinação funcional não “com-positiva”, assenta sob uma interpretação do humano que o representa à luz dos conceitos de «afetividade» e «cuidado» que, por seu turno, dão o nome a este tipo de tecnologias. Ao contrário do que acontece com uma interpretação da essência da tecnologia, tal como aquela que é proposta pelo texto heideggeriano de 1954, o elemento humano da relação humano-tecnologia-mundo que com elas se configura, não surge aí perspectivado como um recurso, como um objeto quantificável e transformável em função da sua utilidade, mas antes como um «ser-no-mundo», frágil, e digno de uma existência plena.

Não obstante, e muito embora Heidegger não tenha pensado explicitamente estes conceitos numa relação direta com a problemática da técnica, o «cuidado» e a «afetividade» representam, contudo, duas das mais importantes

traves-mestras sob as quais se edifica o seu pensamento. Este tipo de tecnologias terapêuticas, por serem livremente associadas a estes conceitos, abrem, por isso, a possibilidade de ser pensadas a partir desta instanciação da filosofia heideggeriana. Será então importante perceber se, na senda da crítica que Ihde levanta à noção de «com-posição», na interpretação heideggeriana de ambos os conceitos poderá encontrar-se uma fundamentação sólida para criar um enquadramento ontológico alternativo da problemática da tecnologia. Um enquadramento em cujo horizonte de interpretação se poderá, finalmente, contemplar, à luz de Heidegger, o tipo de abertura de mundo que é propício a este tipo de artefactos tecnológicos em particular. Em suma, é necessário perceber se, na compreensão heideggeriana dos conceitos de «cuidado» e «afetividade», é possível dar conta do que *está a ser* na relação que o ser humano estabelece com as «tecnologias afetivas» e do «cuidado», a partir das quais se têm vindo a transformar as próprias práticas terapêuticas na era digital.

No seu mais recente livro intitulado *Cuidado e Afectividade em Heidegger e na Análise Existencial Fenomenológica* (2021), Irene Borges-Duarte compila algumas das suas principais reflexões em torno da interpretação heideggeriana dos conceitos aqui em causa, e de como esta acabou por ter algumas das suas mais importantes repercussões no contexto da prática clínica e terapêutica. No curso do texto, a Autora destaca o papel que os conceitos de «cuidado» e «afetividade» desempenharam na construção da análise existencial de cunho heideggeriano, prestando especial atenção à apropriação «meta-ontológica» que Ludwig Binswanger e Medard Boss deles acabaram por fazer. Uma apropriação que, segundo a Autora, foi feita sob o intuito de

luta[r] contra a ideia da medicina moderna enquanto profissão «técnica», isto é, contra a conversão tecnológica da relação médico-paciente, pela qual a «cura» é o resultado de um processo operativo (medicamentoso ou cirúrgico) ao nível de zonas predefinidas como objecto de intervenção, sem atender ao todo do ser humano, que, na sua dignidade mortal, se vê privado — porque doente — do seu quotidiano fazer pela vida. (Borges-Duarte, 2021: 58)

Esta passagem fornece, desde logo, uma ideia da via que poderá ser seguida para criar esse possível enquadramento ontológico alternativo da tecnologia na filosofia de Heidegger. Na sua descrição da razão que se encontra detrás da apropriação «meta-ontológica» dos conceitos heideggerianos aqui em questão, Irene Borges-Duarte ilustra muito bem o modo como nestes se pressupõe uma ideia do ser humano que é, em múltiplos sentidos, diferente daquela que se prefigura com o projeto de «com-posição» tecnológica do mundo. Na apropriação dos conceitos heideggerianos que foi feita por Binswanger e Boss, tal como bem o sublinha a Autora, mostra-se a possibilidade de prefigurar um entendimento sólido da singularidade do ser humano enquanto sujeito, um

entendimento que é claramente distinto daquele pressuposto pelas tendências de tecnificação da prática terapêutica, sob as quais o sujeito humano, enquanto paciente/doente, se perspetiva como um simples objeto, sobre o qual recai a ação médica com a intenção de curar (Borges-Duarte, 2021: 57-60). No modo como o humano se perspetiva a partir da abertura ontológica fundamental manifesta na relação que os conceitos de «afetividade» e «cuidado» estabelecem entre si à luz da filosofia heideggeriana, compreende-se uma circunscrição ontológica do seu carácter que o define como o «ente-privilegiado» que ele é, como um *Dasein* lançado no mundo, capaz de se compreender a *ser* livremente nesse mesmo mundo que se dá à sua compreensão.

No contexto terapêutico da análise existencial fenomenológica, é esta relação que se estabelece entre a «afetividade» e o «cuidado» aquilo que determina ontologicamente a própria ideia da terapia. No dar-se conta desta relação — que propicia a abertura ontológica fundamental para o «ser» que se dá ao desencobrimento no plano do «ente» — o terapeuta compreende-se como *Dasein* que está aí, aberto e disposto a perscrutar e a compreender aquilo que *está a ser* no mundo do «outro», do seu doente/paciente. É essa abertura que o leva a compreendê-lo como um todo, procurando no seu estar disposto, afetivamente, para o «outro», dar conta daquilo que, no mundo do doente/paciente, o está a privar do seu próprio «ser-no-mundo» (Borges-Duarte, 2021: 57-65). Pensar as várias «tecnologias afetivas» e do «cuidado» à luz desta instânciação da filosofia heideggeriana pressuporá, por isso, um trabalho de reflexão que intenta ir ao encontro do modo como elas propiciam também este tipo de abertura que dá conta do «outro» como um «aí-ser»; ou seja, de uma hermenêutica que as perspetiva à luz de um projeto que se encontra pensado em conformidade com as linhas de uma «cultura do cuidado» (Borges-Duarte, 2021: 40-46). Não se pode, contudo, esquecer que esta abertura, no contexto da filosofia heideggeriana, se constitui como um «privilégio» exclusivo do *Dasein* que o ser humano é. Porém, e muito embora a I.A. da qual estão embutidas as várias «tecnologias afetivas» e do «cuidado» se encontre — pelo menos por enquanto — longe de contemplar a possibilidade de aceder a tal tipo de «privilégio», é, contudo, possível compreender como, no contexto do seu desenvolvimento e programação, se incute sob a sua estrutura operatória/funcional uma interpretação do humano que o determina, não como um objeto, mas como um «aí ser» livre e digno de uma existência plena, «autêntica». Uma interpretação pela qual se procura demonstrar o tipo de abertura de mundo que este tipo de tecnologias pode proporcionar, ao mesmo tempo que se apresenta também, dentro da filosofia heideggeriana, como uma alternativa à determinação ontológica da questão da técnica moderna que, por se afastar substancialmente da interpretação monolítica delimitada pelo conceito de «com-posição», não limita a leitura das suas várias materializações como estando subjugadas

a um «poder» que se impõe sobre a natureza e, mais especificamente, sobre o próprio ser humano. Uma leitura que, no final de contas, não pressupõe a interpretação da questão da técnica enquanto «com-posição» como obsoleta, uma vez que poderá servi-lhe como um complemento para pensar a atualidade tecnológica.

*Ângelo Milhano é Professor Auxiliar na Universidade de Évora.
Investigador do Praxis: Centro de Filosofia, Política e Cultura.*

Referências Bibliográficas:

- BORGES-DUARTE, Irene. *Arte e Técnica em Heidegger*. Lisboa: Documenta, 2014.
- BORGES-DUARTE, Irene. *Cuidado e Afectividade em Heidegger e na Análise Existencial Fenomenológica*. Lisboa: Documenta. 2021.
- BOSSCHAERT, Mariska Thalitha & BLOK, Vincent. “The ‘Empirical’ in the Empirical Turn: A Critical Analysis”. In, *Foundations of Science*, 2022. (Artigo disponível online em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10699-022-09840-6> Último acesso a 17 de Abril de 2022).
- COECKELBERGH, Mark. *AI Ethics*. Cambridge & London: The MIT Press, 2020.
- EWBANK, Michael P., et. al. “Quantifying the Association Between Psychotherapy Content and Clinical Outcomes Using Deep Learning”. In, *JAMA Psychiatry*, 77(1), August, 2019, p. 35-43.
- FEENBERG, Andrew. *Heidegger and Marcuse: The Catastrophe and Redemption of History*. New York & London: Routledge, 2005.
- FISCHER, Kerstin. “Why Collaborative Robots Must be Social (and Even Emotional) Actors”. In, *Techné: Research in Philosophy and Technology*, 23:3, 2019, p. 270-289.
- HEIDEGGER, Martin. “A Origem da Obra de Arte”. In, Martin Heidegger, *Caminhos de Floresta*, Lisboa: FCG, 2002, p. 7-94.
- HEIDEGGER, Martin. “The Question Concerning Technology”. In, Martin Heidegger. *Basic Writings*. London & New York: Routledge, 2011, p. 217-238.
- IHDE, Don. *Technology and the Lifeworld: From Garden to Earth*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- IHDE, Don. *Heidegger’s Technologies: Postphenomenological Perspectives*. New York: Fordham University Press, 2010.
- IHDE, Don & MALAFOURIS, Lambros. “Homo Faber Revisited: Postphenomenology and Material Engagement Theory”. In, *Philosophy and Technology*, 32, 2019, p. 195-214.
- JEE, Charlotte & HEAVEN, Will Douglas. “The Therapists Using AI to Make Therapy Better”. In, *MIT Technology Review*, December 6, 2021. (Artigo disponível online em: <https://www.technologyreview.com/2021/12/06/1041345/ai-nlp-mental-health-better-therapists-psychology-cbt/> Último acesso a 17 de Abril de 2022).
- LAITINEN, Arto, et. al. “Demands of Dignity in Robotic Care: Recognizing Vulnerability, Agency, and Subjectivity in Robot-based, Robot-assisted and Teleoperated Elderly Care”. In, *Techné: Research in Philosophy and Technology*, 23:3, 2019, p. 366-401.

- SHIBATA, T., *et. al.* “PARO as a Biofeedback Medical Device for Mental Health in the COVID-19 Era”. In, *Sustainability* 13, 11502, 2021. (Artigo disponível online em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/20/11502/htm> Último acesso a 17 de Abril de 2022).
- VERBEEK, Peter-Paul. “Don Ihde: The Technological Lifeworld”. In, H. J. Achterhuis (Ed.), *American Philosophy of Technology: The Empirical Turn*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2001, p. 119-146.